

“Quem é este?”

Leitura Bíblica 13

V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA (continuação).

- P. Acalmando a tempestade (Mateus 8:18, 23–27; Marcos 4:35–41; Lucas 8:22–25).
- Q. Curando dois endemoninhados (Mateus 8:28–34; 9:1; Marcos 5:1–21; Lucas 8:26–40).
- R. Comendo com pecadores (e um discurso sobre jejum) (Mateus 9:10–17; Marcos 2:15–22; Lucas 5:29–39).

Nesta lição, completaremos o estudo do “dia agitado” de Jesus—aquele dia que começou com as acusações blasfemas dos fariseus e que terminou com a retirada de Jesus para a margem oriental do mar da Galiléia. O tema desta lição encontra-se nas palavras dos discípulos, quando Cristo acalmou a tempestade: “Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?” (Marcos 4:41; veja Lucas 8:25; Mateus 8:27). A pergunta “quem é este?” ecoou por todo o ministério de Jesus—indicando como era difícil as pessoas compreenderem quem Ele realmente era. Quando Cristo curou o homem que desceu pelo telhado, os fariseus perguntaram: “Quem é este que diz blasfêmias?” (Lucas 5:21). Quando Jesus perdoou a mulher que lavou os Seus pés com lágrimas, os outros convidados perguntaram: “Quem é este que até perdoa pecados?” (Lucas 7:49). Quando um relatório das atividades de Cristo chegou ao rei Herodes, ele perguntou: “Quem é, pois, este a respeito do qual tenho ouvido tais coisas?” (Lucas 9:9). Quando Jesus fez Sua entrada triunfal em Jerusalém, “toda a cidade se alvoroçou, e perguntavam: Quem é este?” (Mateus 21:10). Esta lição destacará três ocasiões em que Cristo deixou seus espectadores perplexos.

“QUEM É ESTE QUE ACALMA A TEMPESTADE?”¹

(MATEUS 8:18, 23–27; MARCOS 4:35–41; LUCAS 8:22–25)

Na lição anterior, falamos sobre “o primeiro grande grupo de parábolas”. Segundo Mateus, “tendo Jesus proferido estas parábolas, retirou-Se dali” (Mateus 13:53)². Marcos relatou que Jesus partiu para a margem oriental do mar da Galiléia: “Naque-

le dia [o dia em que Ele falou por parábolas (Marcos 4:34)], sendo já tarde³, disse-lhes Jesus: Passemos para a outra margem” (4:35). Esta é a primeira de quatro travessias registradas sobre Cristo passando para a outra margem do mar. Marcos escreveu: “E eles, despedindo a multidão, o levaram assim como estava, no barco” (4:36a)—ou seja, partiram imediatamente, sem preparação e sem provisões. E Marcos acrescentou: “outros barcos o seguiam” (4:36b). Esses barcos podem ter sido arrastados para junto do barco em que Jesus estava (4:1) a fim de permitir que mais pessoas O ouvissem. Talvez esse detalhe tenha sido inserido para mostrar que havia outras testemunhas da tempestade que se levantou e depois cessou rapidamente.

A razão de Cristo fazer essa travessia era descansar um pouco da multidão (veja Mateus 8:18; Marcos 4:36). Embora Ele fosse totalmente divino, Ele também era totalmente humano⁴ e aquele “dia agitado” O deixara exausto; por isso, logo caiu no sono (Lucas 8:23). Marcos observou que “Jesus estava na popa, dormindo sobre o travesseiro...” (Marcos 4:38). A popa era a parte traseira do barco, onde havia mais espaço. “O travesseiro” provavelmente era uma espécie de capa para cadeiras, talvez uma pele de animal que podia ser enrolada para servir de travesseiro. J. W. Shepard escreveu o seguinte:

Esperaremos até chegarmos a Lucas 9 para estudar esse episódio.

³“Tarde” é um termo flexível. Poderia ser início ou fim de tarde. Quando finalmente chegaram à outra margem, um endemoninhado os viu de longe (Marcos 5:6). Talvez tenham saído no início da tarde e ainda não estava escuro quando chegaram ao outro lado. Talvez tenham saído de tardezinha e, por conta da tempestade, levaram a noite toda para atravessar, chegando lá na manhã seguinte. A primeira possibilidade é mais provável.

⁴Já comentamos a respeito do mistério da encarnação antes (veja a lição “Cristo Está Chegando!”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 2”, desta série).

¹Jesus acalmou pelo menos duas tempestades. Esta foi a primeira.

²Nesta altura da narrativa, Mateus falou dos candidatos a discípulo (Mateus 8:19–22). Lucas registrou o mesmo incidente ou um semelhante muito depois, em Lucas 9:57–62.

Fraqueza, cansaço e esgotamento dominaram o físico do Jesus humano, e ele Se deitou imerso em profundo sono, abanado pela brisa do lago e embalado pelo suave movimento rítmico do barco.... Perto dEle, os discípulos conversavam em volume reduzido sobre os acontecimentos do dia, enquanto outros manejavam silenciosamente as velas e guiavam a embarcação flutuante sobre as águas plácidas.⁵

A distância, por mar, de Cafarnaum até “a terra dos gerasenos” era de apenas alguns quilômetros⁶. Sob circunstâncias favoráveis, a viagem podia ser feita em duas ou três horas.

Essa viagem não foi realizada sob circunstâncias favoráveis. Não demorou muito para se formar uma tempestade: “E eis que sobreveio no mar uma grande tempestade”, “uma tempestade de vento no lago” (Mateus 8:24; Lucas 8:23a). As ondas “se arremessavam contra o barco, de modo que o mesmo já estava a encher-se de água” (Marcos 4:37). E corriam “o perigo de soçobrar” (Lucas 8:23).

O mar da Galiléia até hoje está sujeito a tempestades repentinas. E fica mais de duzentos metros abaixo do nível do mar, sendo cercado por terrenos montanhosos. Quando o ar frio invade as encostas das montanhas em direção ao lago, em questão de minutos a superfície calma pode se transformar numa porção de ondas espumantes e turbulentas. Alguns dos tripulantes eram pescadores e, sem dúvida, haviam visto muitas tempestades naquele mar. O fato de até eles estarem amedrontados indica que aquela não era uma tempestade comum.

Enquanto o barco era lançado pelas ondas, Jesus continuava dormindo. Poderíamos perguntar: “Quem é este que consegue dormir durante uma tempestade?” A primeira resposta poderia ser: “É um Homem totalmente exausto”. Uma resposta mais completa seria “um Homem exausto que confia no Seu Deus”.

Jesus não ficou preocupado com a tempestade, mas Seus discípulos ficaram. Os escritores sinóticos registraram “um balbuciar de vozes confusas”⁷: “Chegando-se a ele, despertaram-no dizendo:

Mestre, Mestre, estamos perecendo!” (Lucas 8:24); “...vieram acordá-lo, clamando: Senhor, salva-nos! Perecemos!” (Mateus 8:25); “...eles o despertaram e lhe disseram: Mestre, não te importa que pereçamos?” (Marcos 4:38).

Não sabemos ao certo o que esperavam que Jesus fizesse. Nunca tinham visto o Mestre acalmar uma tempestade, e aparentemente ficaram surpresos quando Ele acalmou aquela (Mateus 8:27; Marcos 4:41; Lucas 8:25). Talvez fossem como um filho amedrontado que grita aos pais: “Façam alguma coisa!”—embora ele mesmo não faça idéia do que seria fazer “alguma coisa”⁸.

Os discípulos estavam aterrorizados, mas Cristo não. Primeiro Ele repreendeu os discípulos: “Por que sois tímidos, homens de pequena fé?” (Mateus 8:26a)⁹. A NVI diz: “Por que vocês estão com tanto medo...?” A seguir, Jesus “repreendeu o vento e a fúria da água”: “Acalma-te, emudece!” (Lucas 8:24b; Marcos 4:39a). As ondas “cessaram”; “o vento se aquietou e fez-se grande bonança” (Lucas 8:24; Marcos 4:39b). A calmaria instantânea tanto do vento como das ondas foi um milagre duplo, pois o normal seria a superfície da água continuar agitada por um tempo, mesmo após o vento cessar.

Os discípulos de Jesus haviam visto tempestades virem e irem no mar da Galiléia, mas nunca haviam visto nada igual àquilo. Maravilhados¹⁰, eles indagaram: “Quem é este...?” (Mateus 8:27); “Quem é este que até aos ventos e às ondas repreende, e lhe obedecem?” (Lucas 8:25b). A resposta à pergunta deles é: “um Homem de poder” (veja Lucas 4:14; 5:17; 6:19; 8:46; 1 Coríntios 5:4; 2 Coríntios 12:9).

Esta história tem aplicações para você e para mim. Todos nós temos sido levados pelas tempestades da vida. Às vezes, como os discípulos, permitimos que nossa fé vacile e indagamos: “Mestre, não te importa que pereçamos?” (Marcos 4:38). Precisamos lembrar que Ele pode acalmar a tormenta no peito do cristão com a mesma facilidade com que acalmou as ondas da Galiléia¹¹.

⁵J. W. Shepard, *The Christ of the Gospels* (“O Cristo dos Evangelhos”). Nashville: Parthenon Press, 1939), p. 232; citado em H. I. Hester, *The Heart of the New Testament* (“O Coração do Novo Testamento”). Liberty, Mo.: Quality Press, 1963, p. 148.

⁶Veja o mapa da região em torno do mar da Galiléia na página 15 da edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, desta série.

⁷J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 343.

⁸Também é possível que eles só quisessem que Jesus estivesse tão preocupado quanto eles. A maioria de nós gosta de companhia quando está preocupada.

⁹Marcos e Lucas registraram a repreensão (ou uma segunda repreensão) após a tempestade ser acalmada (Marcos 4:40; Lucas 8:25).

¹⁰Por vários motivos, alguns milagres afetaram certas pessoas mais profundamente que a outras.

¹¹Se quiser, faça uma pausa para cantar ou apenas ler o cântico “Sossegai”, *Salmos, Hinos e Cânticos Espirituais*, nº 62. São Paulo: Editora Vida Cristã, 1ª ed., 1976.

“QUEM É ESTE QUE CURA CORPOS E ALMAS?” (MATEUS 8:28–34; MARCOS 5:1–21; LUCAS 8:26–40)

Finalmente, Jesus e os discípulos chegaram ao destino deles na margem oriental do mar. Mateus disse que eles chegaram “à terra dos gadarenos” (Mateus 8:28) e Marcos e Lucas denominaram a região de “terra dos gerasenos” (Marcos 5:1; Lucas 8:26)¹². Gerasa (também conhecida como Gergesa) era um povoado na praia oriental do mar. Toda a região era governada por Gadara, alguns quilômetros ao Sudeste. O local, portanto, era conhecido tanto por “terra dos gerasenos” como por “terra dos gadarenos”¹³.

Se o desejo de Jesus era descansar naquele local isolado, esse descanso Lhe foi negado; pois Ele foi recebido por um estranho comitê de boas-vindas. “Tendo ele chegado à outra margem, à terra dos gadarenos, vieram-lhe ao encontro dois endemoninhados, saindo dentre os sepulcros” (Mateus 8:28a)¹⁴. Mateus falou de dois endemoninhados, enquanto Marcos e Lucas se concentraram no endemoninhado mais notório dos dois¹⁵.

Quando Jesus começou a expulsar os espíritos malignos dos dois homens, os demônios pediram permissão para entrar numa manada de porcos¹⁶ que pastava numa encosta próxima¹⁷. Quando os demônios entraram nos porcos, estes ficaram enlouquecidos, desceram a encosta correndo e se precipitaram em direção ao mar morrendo afogados.

Anos atrás, John S. Sweeney estava participando de um debate com um pregador denominacional sobre a forma de se realizar o batismo: se o Novo Testamento ensina que o batismo deve ser por imersão ou por aspersão. O pregador denominacional assumiu a posição extrema de que não havia exemplos de imersão no Novo Testamento. Numa tentativa cômica, ele disse: “Bem, tem sim um caso de imersão no Novo Testamento”—e referiu-se à história dos dois mil porcos que afundaram no mar. Quan-

do o irmão Sweeney subiu à plataforma, ele replicou: “Sim, esse foi um caso de imersão—e porque o diabo perdeu seu *bacon* no negócio, ele tem tentado modificar a forma de batismo desde então!”¹⁸

Quando o povo daquela terra soube o que havia acontecido, imploraram que Cristo fosse embora. (Ficaram com medo de perder mais animais, suponho eu.) Quando Jesus estava pronto para ceder ao pedido deles, um dos homens curados pediu para ir com Ele (Marcos 5:18). Jesus respondeu: “Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti” (Marcos 5:19).

Podemos questionar por que Jesus mandou aquele homem partilhar o que havia acontecido, quando a outros mandou que nada dissessem (Marcos 1:43, 44). Uma razão pode ser o fato dessa cura ter ocorrido além da esfera de influência dos fariseus e escribas. Seria menos provável que a publicidade naquela região incitasse a animosidade de Seus adversários. Outra possível razão é que, vendo-Se obrigado a ir embora antes de pregar, Jesus quis deixar uma testemunha naquele lugar.

O homem fez o que o Senhor Lhe pedira: “Então, ele foi e começou a proclamar em Decápolis¹⁹ tudo o que Jesus Lhe fizera; e todos se admiravam” (Marcos 5:20). A consequência disso foi Jesus ter uma recepção mais favorável na próxima vez em que foi àquela província (Marcos 7:31–37).

Essa história é impressionante e emocionante. Visualizada em nossas mentes, ela nos leva a perguntar: “Quem é este que alcança os não amados, que cura corpos e mentes?” A resposta é: “um Homem com sentimento”.

Aprendamos com este relato que Jesus ama a todos. Você acha que Jesus nunca poderia amá-lo por causa de quem e do que você é? Lembre-se daqueles homens sujos, maltrapilhos e selvagens emergindo da escuridão diante de Cristo. Jesus os amou—e Ele ama você também! (Veja Apocalipse 1:5.)

¹²A ERC inverte os dois termos, mas essa diferença não é tão importante.

¹³Os críticos da Bíblia classificaram isto como “uma contradição” até que as ruínas de “Kherasa” (ou seja, Gerasa) foram descobertas.

¹⁴Veja um estudo mais completo sobre esse incidente, especialmente do ponto de vista do endemoninhado mais conhecido, no sermão após esta lição.

¹⁵Esta é uma ocorrência comum nos relatos do evangelho.

¹⁶Veja as especulações sobre o motivo desse pedido no sermão após esta lição.

¹⁷A um quilometro e meio das ruínas de Kherasa (veja a nota de rodapé 13) há um monte que avança até o mar.

¹⁸Esta história foi adaptada de minhas anotações das aulas do irmão J. W. Roberts sobre a vida de Cristo. Earl West alistou o irmão Sweeney entre os debatedores mais bem conhecidos dos seus dias (Earl I. West, *The Search for the Ancient Order*, vol. 4, *A History of the Restoration Movement 1919–1950* (“História da Restauração 1919–1950”). Germantown, Tenn.: Religious Book Service, 1987, p. 214.

¹⁹“Decápolis” era “a região das dez cidades”. Veja o mapa na página 37.

**“QUEM É ESTE QUE COME COM
PECADORES?” (MATEUS 9:1, 10–17;
MARCOS 2:15–22; LUCAS 5:29–39)**

Quando o povo de Gerasa²⁰ pediu que Jesus fosse embora, “entrando... [Ele] num barco, passou para o outro lado e foi para a sua própria cidade” (Mateus 9:1). Ou seja, Ele voltou para Cafarnaum. Ali grandes multidões foram ao Seu encontro (veja Marcos 5:21; Lucas 8:40). É difícil precisar o que aconteceu em seguida. Não muito depois de voltar, Jesus ressuscitou a filha de Jairo (Mateus 9:18–26; Marcos 5:22–43; Lucas 8:41–56). Estudaremos esse incidente na próxima lição, mas queremos concluir esta lição com uma história inserida por Mateus a esta altura da narrativa²¹. Depois de registrar seu chamado para o discipulado, Mateus falou de um banquete que ele mesmo ofereceu em homenagem a Cristo. Todos os escritores dos evangelhos sinóticos escreveram sobre esse evento, uma reunião que resultou em muitas críticas contra o Convidado de honra.

Crítica nº 1: Comer com Pecadores

“Então, lhe ofereceu Levi [ou seja, Mateus] um grande banquete em sua casa” (Lucas 5:29a). Naturalmente, Mateus convidou seus velhos amigos e ex-sócios. A casa logo ficou cheia de coletores de impostos e outros rejeitados da sociedade: “...estavam juntamente com ele e com seus discípulos muitos publicanos e pecadores; porque estes eram em grande número e também o seguiam” (Marcos 2:15)²².

²⁰Mateus usa o termo “gadarenos”, mas usei Gerasa referindo-me aos gerasenos, pois escolhi esse termo, como fiz na seção anterior. Conforme já foi dito, a região possuía duas designações.

²¹Muitas harmonias colocam a história da filha de Jairo logo após a volta de Jesus à margem ocidental do mar. Outras inserem a história do banquete de Mateus antes da história de Jairo, com base em Mateus 9:18, que indica que o discurso de Cristo no banquete de Mateus foi interrompido por Jairo. John Broadus, que seguiu esta seqüência, inseriu a seguinte observação: “A questão da posição [da história do banquete de Mateus] não pode ser definida, e ela não faz diferença para a compreensão do conteúdo da seção” (John A. Broadus, *Harmony of the Gospels in the Revised Edition* [“Harmonia dos Evangelhos na Edição Revista”]. Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1906, p. 36; citado em John F. Carter, *A Layman’s Harmony of the Gospels* [“Harmonia dos Evangelhos por um Leigo”]. Nashville: Broadman Press, 1961, p. 138). Se você estudou a história do banquete de Mateus anteriormente (veja a nota de rodapé 33, na página 20, de “A Vida de Cristo—Parte 3”), vá agora para a história de Jairo (veja a próxima lição).

²²J. W. McGarvey reforçou que os atos e argumentos de Jesus “não justificam que nos mantenhamos na companhia de pessoas más por nenhum outro motivo senão fazer-lhes o bem—ou seja, como seus médicos da alma” (McGarvey e Pendleton, p. 350). Veja 1 Coríntios 15:33.

Os fariseus, que seguiam constantemente os rastros do Senhor, começaram a murmurar (Lucas 5:30a). Perguntaram aos discípulos: “Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?” (Mateus 9:11). A resposta de Cristo foi clássica: “Os são não precisam de médico, e sim os doentes. Não vim chamar justos²³, e sim pecadores, ao arrependimento” (Lucas 5:31, 32)²⁴.

Crítica nº 2: Não Jejuar

Destemidos, os fariseus lançaram uma segunda crítica, talvez incitados pelo fato de Jesus e Seus discípulos estarem se divertindo no banquete de Mateus: “Por que motivo jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam?” (Marcos 2:18). Alguns dos discípulos de João estavam presentes e se intrometeram na conversa, perguntando: “Por quê?” (Mateus 9:14)²⁵.

A essência da pergunta era: “Por que você não está dando continuidade às tradições que os nossos pais começaram tanto tempo atrás?”²⁶ Cristo praticamente respondeu que a vinda do Messias anunciava uma nova era, a qual nem sempre seria compatível com as tradições do passado. A resposta de Jesus teve duas partes. A primeira consistia no fato de que a tradição do jejum era inapropriada para os Seus discípulos. Ele comparou a vinda do Messias com a celebração de um casamento (Mateus 9:15; Marcos 2:19, 20; Lucas 5:34, 35): essas celebrações eram momentos para se alegrar, e não para lamentar²⁷.

²³Neste contexto, “os justos” refere-se aos que *pensavam* ser justos e não precisavam de arrependimento—em outras palavras, Jesus se referia aos escribas e fariseus.

²⁴No relato de Mateus (9:12, 13), está incluída na resposta de Jesus uma citação de Oséias 6:6. Observamos numa lição anterior que Cristo usou a citação em outro contexto para reforçar que deixar que os homens satisfaçam sua fome é mostrar misericórdia. Em Mateus 9, a idéia é que incentivar pecadores a se arrependerem é mostrar misericórdia.

²⁵É triste ver os discípulos de João se juntarem aos fariseus nesse questionamento.

²⁶As práticas de jejum dos fariseus não eram ordenadas pela Lei de Moisés, mas eram produto de tradições humanas. Veja o breve comentário sobre jejum na lição “Mas, digo-vos”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 3”. Como já foi salientado, Jesus estava de fato dizendo que o jejum era uma questão opcional para Seus discípulos. O fato de que Ele mesmo não jejuava regularmente é suficiente para provar que o jejum não é um ingrediente essencial à manutenção da piedade.

²⁷A ilustração de Jesus poderia ser classificada como uma parábola. Nessa parábola, Ele é o noivo e os convivas são Seus discípulos. A descrição da noivo sendo “levado” é uma referência velada à Sua morte. A afirmação de que “naquele dia jejuarão” refere-se à tristeza dos discípulos quando Cristo morresse.

